

Comentários acerca de um festival de música

Hugo L. Ribeiro

Caros colegas músicos;

Gostaria de partilhar entre vós alguns questionamentos e comentários que têm me ocupado nestas últimas semanas. No mês de novembro deste ano de 2001, aconteceu o Festival Aberto de Música (FAMP), e o Festival Estudantil de Música (Novo Canto), sendo as etapas classificatórias ocorridas nos dias 02 e 03 (sexta e sábado) e a etapa final no dia 10 de novembro. De um montante de mais ou menos 300 inscritos foram escolhidos somente 20 para o FAMP e 20 para o Novo Canto. Desses, somente 10 de cada festival classificaram-se para a fase final. Saliente-se que para inscrever-se no FAMP era obrigatório a apresentação da música pretendida mais uma fita contendo outras nove músicas inéditas, as quais fariam parte do CD que seria gravado pelo vencedor do festival. Para o primeiro colocado, além da gravação de um CD, seriam disponibilizadas 1000 cópias do mesmo; para o segundo e terceiro colocados seriam pagos prêmios em dinheiro, assim como para os escolhidos como melhor arranjo e melhor intérprete. Mas não pretendo aqui explicar a estrutura dos referidos festivais e sim comenta-los, como participante ativo.

Fui assistir à segunda etapa classificatória ocorrida no sábado, dia 03, quando fui surpreendido por Irineu Fontes, organizador dos citados festivais, convidando-me a ser um dos jurados da etapa final que ocorreria na semana seguinte. Obviamente tal convite envaideceu-me, e prontamente aceitei. Lembro-me também de ter ficado admirado com a qualidade geral das músicas apresentadas naquele dia.

Porém, durante a semana seguinte comecei a questionar vários tópicos referentes ao assunto, os quais exponho a seguir:

1. Qual a real validade de um festival de música?

Creio que, apesar de tudo, um festival de música tem inúmeras vantagens, como conagração dos músicos envolvidos, a troca de informações sobre os projetos individuais e coletivos, e a possibilidade de artistas menores, ou iniciantes, se lançarem ao mercado de trabalho se fazendo ouvir por um público maior. Penso ainda que um festival serve como uma espécie de fotografia (ou talvez um Lambe-lambe) do fazer musical de dada comunidade, onde é possível analisar quais suas principais influências sócio-político-culturais, e sem querer ser etnocentrista, qual o nível de saber musical dominado pelos então compositores. Tal afirmação não desmerece de forma alguma qualquer manifestação sonora, pois como diz meu caro orientador Manuel Veiga (um senhor de 71 anos, considerado por seus pares uma enciclopédia ambulante) o saber musical está presente desde a mais espontânea batucada até a mais "sofisticada" composição eletro-acústica. Mas, como nossa chamada música popular tem raízes diretas da música de tradição européia, com todas as suas regras de composição, encadeamentos harmônicos e desenvolvimento melódico creio que isso poderia ser analisado sim. Voltarei a tratar deste assunto mais adiante.

2. Mas, qual a validade então de se classificar músicas?

Esta pergunta me faço até hoje. Na verdade meu posicionamento é conceitualmente oposto. Penso que toda composição sonora tem uma razão de existir para o seu criador, que a vivenciou desde sua gestação até sua fase final em forma de música, utilizando-a como forma de expressão, que é tão única que nenhuma linguagem coloquial seria capaz. E toda arte definida como expressão de um ideal de beleza, concretizada em qualquer obra de gênero artístico, tem em seu criador o principal defensor. Não esqueço que dentro dos códigos sociais aceitos, existe um ideal de beleza em que todos compartilham, seja em maior ou menor grau, e baseado neles um compositor chega a classificar sua obra em valor superior ou inferior em relação a uma outra. Mas, tal julgamento é puramente subjetivo, e está diretamente envolvido com a vivência pessoal de cada indivíduo. Creio que cada composição tem sua razão de existir e quem sou eu para julga-la inferior à qualquer outra criação? Aproveito para relatar um fato ocorrido comigo a alguns anos atrás.

Em 1998 tive a oportunidade de participar do XXVI Concurso de Compositores da Bahia, destinado a peças para orquestra sinfônica. Durante a fase classificatória foram escolhidas nove peças por um júri formado por professores da Escola de Música da UFBA, e uma décima seria escolhida pelo voto do público. Minha obra denominada "Suíte para Desenho Animado – Pateta e a Fábrica de Relógios" foi classificada para fase final pelo voto do público, o que me deixou muito orgulhoso. Mas, durante a apresentação na fase final, minha peça foi a primeira da noite, o que acreditei na época ter me prejudicado na escolha final, digo isso, pois a primeira peça se não for bem avaliada, sai em desvantagem em relação às últimas por rapidamente se desvanecer na memória dos ouvintes. Infelizmente não recebi nenhum prêmio, o que, para ser sincero, me chateou muito na época, pois considerava a minha peça tão boa ou melhor do que as vencedoras. Hoje percebo que o reconhecimento por parte dos meus colegas e professores, e suas palmas sinceras foram mais do que o suficiente para meu júbilo. Como tantos outros compositores, compus tal peça para mim, e só o fato de ter o privilégio de ouvi-la executada foi maravilhoso.

Porém, sempre ficou marcado tal sensação de impotência ao ver uma obra que eu tanto me esforcei em criar ser considerada "inferior". Por tal razão, e outras que não convém aqui comentar, criei em 1999 juntamente com outros amigos compositores e professores da UFBA o Grupo de Compositores Atuais, destinado a fomentar e promover a criação artística musical dos Compositores da Escola de Música da UFBA. Como produto de tal agregação fez-se a I Mostra de Compositores Atuais, cujo objetivo era levar à comunidade universitária e metropolitana a produção dos compositores da EMUS/UFBA. Logo depois fez-se a II Mostra de Compositores Atuais, com peças de 1 minuto.

Recordo com satisfação o sentimento de alegria e cooperação que se instaurou durante as apresentações das músicas, com uma participação positiva do público, que sem se preocupar em escolher ou julgar, pôde simplesmente desfrutar do prazer de participar da criação de uma nova obra de arte (digo criação pois a música nunca está finalizada, cristalizada, mas em constante recriação por parte dos executantes e ouvintes).

Retornando ao tema principal desse texto, é de minha total opinião que todo concurso que envolva obras de artes, transformem-se em mostras, apresentações,

festivais ou qual que seja o nome. Sem se prender a rótulos, o importante é o conteúdo. Mas, se mesmo assim afirmarem que um concurso atrai mais público, por criar uma maior interação entre compositor e ouvinte, por fazer a platéia participar ativamente ao escolher determinadas músicas e torcer por elas e etc... Tudo bem, mas vamos então repensar o formato.

Num festival como o FAMP e o Novo Canto, não há separação entre os estilos e gêneros, pondo tudo num balaio de gato só. Ora, convenhamos que julgar músicas tão diferentes entre si tais como Heavy Metal, Blues, Baião, MPB, Funk, Hip Hop, Baladas...., é no mínimo impossível. Obviamente podemos tentar julgar cada música dentro de seu próprio estilo, mas para isso teríamos de ter um júri competentíssimo em sua vasta erudição no que concerne a estilos musicais. Não foi esse o caso. Posso incluir-me no meio, pois apesar de conhecer muito bem alguns estilos, em relação a outros sou totalmente ignorante.

Vamos nos ater ao exemplo real do FAMP e do Novo Canto que foi a participação de um grupo de Hip Hop. Dizer que Hip Hop não é música, ou não tem música é no mínimo estar sendo preconceituoso e atestando minha ignorância em relação a esse tipo de fazer musical. Essa é a pior forma de etnocentrismo musical. Mas, como eu posso julgar uma música quando não sei o que a própria comunidade que a faz acha ser importante. Posso procurar melodias, harmonias, mas muitas vezes será em vão, pois com certeza isso não é o cerne do Hip Hop. Posso também fazer o mesmo em relação aos demais estilos, mas sei que irei sempre fracassar.

Tudo bem, se não podemos analisar cada música dentro de seu estilo próprio, que tal analisar o todo? De saída as premiações diminuiriam, pois não seria possível escolher o melhor intérprete ou o melhor arranjo, pois estes seriam parte essencial do julgamento de cada música. Ver o todo, no fim das contas seria julgar qual apresentação me agradou mais, e tal escolha seria extremamente subjetiva e de acordo com minhas predileções musicais.

Mas, não foi possível nada disso. As regras estavam feitas, e a bola já estava rolando. Foi orientado que cada jurado desse uma nota de 0 a 5 no quesito letra, e de 0 a 5 no quesito música. Os intérpretes já haviam sido selecionados durante as etapas de classificação, restando-nos escolher apenas entre dois ou três, e o prêmio de melhor arranjo já tinha sido escolhido pelo júri da etapa classificatória. Ora, o bolo já estava todo fatiado, e com pedaços faltando. O que fazer? Tentar um chute do meio de campo, e ver se a bola entra...

Na minha inexperiência, resolvi fatiar ainda mais o bolo, e comecei a analisar todos os aspectos musicais que podia evidenciar: desenvolvimento melódico, utilização harmônica, texturas, dinâmica, contraste, forma, etc... Quanto à letra, já estava na minha frente, logo seria uma espécie de "concurso de poesia". Porém, ao adotar tal procedimento, apesar de tentar ser coerente ao máximo, acabei por dar "boas notas" a músicas que não agradavam meu gosto pessoal. Fiquei num beco sem saída em relação às músicas de Hip Hop, e quando pude comprovar alguma espécie de plágio ou falta de identidade nada podia fazer. Talvez seja bom explicar o procedimento da votação.

Todos os sete jurados tinham livretos com as letras das músicas, e um local para votar na letra e outro para votar na música. Após terminar a participação de todos os concorrentes de ambos os festivais (FAMP e Novo Canto), tais livretos foram recolhidos, e os votos foram contados por uma pessoa idônea e imparcial. Nenhum jurado manteve contato com o outro durante processo, não sei se por motivos éticos ou por

falta de intimidade uns com os outros. Em todo concurso existe acusações de marmelada, mas esse, até onde pude participar, teria transcorrido sem nenhum problema desse tipo. O que pode ter havido, aí sim, foi um tremendo mau gosto. Mas, como gosto não se discute.... Agora como um desabafo, posso dizer que, pessoalmente, não gostei nem um pouco do resultado.

Em contrapartida, também considero que a forma de julgamento pecou, pois se a intenção do FAMP era premiar a obra do compositor com um CD gravado, nada mais justo que avaliar a obra por completo, e não somente uma pequena parte dela. Para tanto, cada compositor apresentaria pelo menos três músicas diferentes, dando uma pequena idéia do que seria o resultado final desse CD. Fica agora a pergunta: será que isso iria influenciar no resultado final do FAMP?

Mas, entre mortos e assassinados, acho que sobreviveram todos, pois uma das cenas mais gratificantes foi quando os cantores subiram ao palco para juntos cantar "Aracaju em Ação"; foi quando Marco Vilane e Alex Sant'Anna fizeram trocadilhos um com a música do outro; e ver todos dançando e curtindo o momento. Acho que essa cena é a que deveria ser arquivada em nossa seletiva memória.

Fica aqui uma proposta: porque os participantes do FAMP (Naná e os Camará, O Crivo, Patrícia Polayne, Marco Vilane, Alex Sant'Anna, e todos os demais participantes) não voltam a se reunir numa apresentação coletiva, onde cada um possa mostrar realmente quem é, sem o stress de saber quem foi o melhor?

Todos foram excelentes, e estão todos de parabéns.

Espero ansiosamente o CD gravado com todos os finalistas, pois garanto que será um registro que trará orgulho a todos nós compositores sergipanos.

Abraços para todos.

Hugo L. Ribeiro